

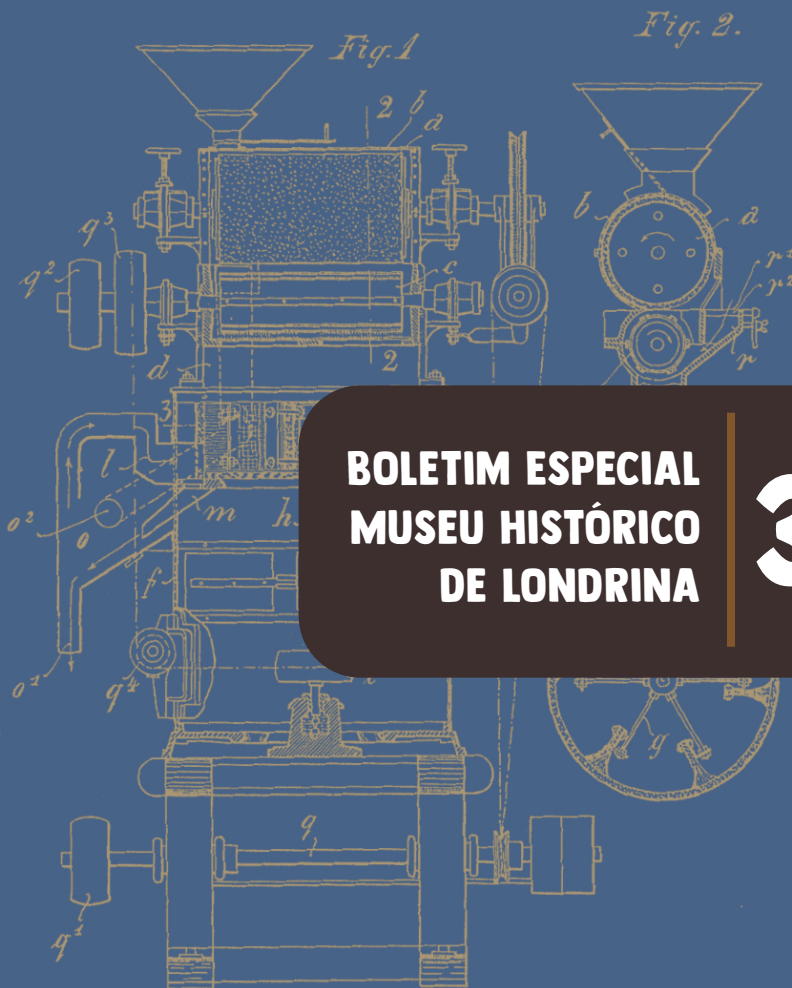
2024

ISSN 2177-7365

E. C. ENGELBERG.
MACHINE FOR HOLLING AND POLISHING RICE.
APPLICATION FILED APR. 16, 1912.

1,105,635.

Patented Aug. 4, 1914.



**BOLETIM ESPECIAL
MUSEU HISTÓRICO
DE LONDRINA**

32

**ESPECIAL "ESTUDOS
PATRIMONIAIS ELISA ZANON"**



**PREFEITURA DE
LONDRINA**

Secretaria Municipal de
Cultura

Universidade Estadual de Londrina
Museu Histórico de Londrina

**BOLETIM ESPECIAL
MUSEU HISTÓRICO
DE LONDRINA**

32





UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

Reitora

Prof^ª. Dr^ª. Marta Regina Gimenez Favaro

Vice-reitor

Prof. Dr. Airton José Petris

Diretora Acadêmica do MHL

Prof^ª Dr^ª Edméia Ribeiro

Coordenação Geral

Prof^ª Dr^ª Edméia Ribeiro

Editora

Prof^ª Dr^ª Edméia Ribeiro

Comissão Executiva

Edeni Ramos Vilela
Amauri Ramos da Silva

ASAM - Presidência

Ana Rosa Lunardelli

Editoração

Marina dos Santos Galli

Fonte

Calibri
DK Longreach Regular

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Boletim Museu Histórico de Londrina / Universidade Estadual de Londrina.
Museu Histórico de Londrina. — Londrina - PR : Universidade Estadual de
Londrina, v.1, n. 1, jul./dez. 2009 -

Semestral

ISSN 2177-7365

1. Museologia - Periódicos. 2. Londrina — História. 3. Universidade Estadual
de Londrina. 4. Museu Histórico de Londrina

CDU 069:981.622

Todos os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo
qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ao Museu Histórico de Londrina.



Secretaria Municipal de
Cultura



MUSEU
HISTÓRICO
DE LONDRINA



Universidade
Estadual de Londrina



SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Apresentação..... | 5 |
| 1 Introdução..... | 8 |
| 2 A máquina de arroz..... | 11 |
| 3 A máquina de arroz e sua relação com a história de Londrina..... | 17 |
| Referências..... | 35 |
| ASAM..... | 38 |
| NORMAS PARA PUBLICAÇÃO..... | 39 |
| EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA..... | 40 |
| MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA..... | 41 |





Beneficiando o arroz e a memória

Subir os três degraus da casa de madeira onde funcionava a Máquina de Arroz, ali nas esquinas das ruas Santa Catarina e Uruguai, era, para muitos londrinenses, um hábito cotidiano. Ao fundo, a máquina parecia imensa, descascando e limpando incessantemente os grãos e, também, representando um princípio de industrialização da cidade pela transformação de bens primários.

De lá, durante décadas, muitas famílias saíram com o arroz para complementar a dieta básica de quem trabalhava no campo, aliado inseparável do feijão, culturas fundidas pela culinária brasileira para proporcionar força e vitalidade ao trabalhador braçal, mas que passaram a ser apreciadas por todos.

Este Estudo Patrimonial dedicado à Máquina de Arroz retrata essa importância para o cotidiano e, aos poucos, sua transformação em tradição local, reconhecendo o valor da memória, uma vez que a edificação em madeira foi demolida em 2022.

A máquina que fazia o beneficiamento, porém, foi doada ao Museu Histórico de Londrina e passa por um processo de tombamento que, esperamos, seja aprovado. Mesmo despida de sua sede de madeira, a máquina representa um período histórico que precisa ser preservado, elucidado, conhecido e detalhado.

Essa máquina está embrenhada na história de Londrina. Deixou de ser um mecanismo cuja utilidade se espalhava pelas mesas da cidade para representar o tempo que já se foi, uma vez que o estabelecimento funcionou por cerca de 90 anos - a máquina, provavelmente, foi instalada em 1936 - como aponta o estudo -, apenas dois anos após a fundação de Londrina como município, em 1934.

A relevância, portanto, extrapola a estrutura física para ganhar a amplitude imaterial, capaz de povoar as lembranças e suscitar um passado que se revela, de forma às vezes tímida por conta da verticalização, nas ruas da cidade.

Para muitas famílias, o arroz beneficiado pela máquina era saboreado nos almoços, protagonizando o convívio entre diferentes gerações que levantaram esta metrópole. Era o sabor do campo, da produção rural, da mata nas cercanias, dos jipes enfrentando o barro, do comércio se estabelecendo para abastecer o desenvolvimento gerado pela agricultura. Na época, as distâncias eram maiores, por conta da infraestrutura incipiente. Pelos desafios apresentados à cidade que se formava - barro, picadas, serras, carreadores, rios e matas -, ter uma máquina de beneficiamento de arroz pelas redondezas era um ganho para toda a população.

O arroz foi incorporado à dieta de diversas nacionalidades que se encontraram naquele Norte do Paraná em formação. Tornou-se um alimento básico, fundamental, reforçando a importância das beneficiadoras. A multiculturalidade já se enraizava como característica da futura metrópole, capaz de acolher diferentes etnias e,

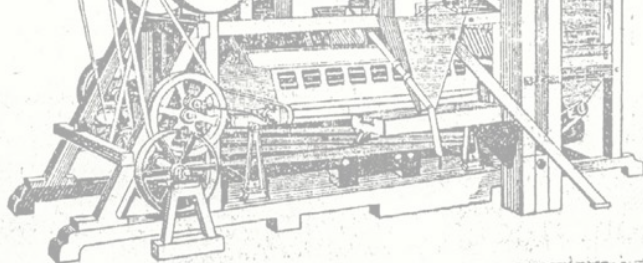
também, suas manifestações culturais.

Vê-se ainda a importância do comércio ao prover bens essenciais, movimentando a economia com a geração de empregos, facilitando a vida das pessoas com praticidade. O desenvolvimento do comércio, junto com os serviços e a indústria, ajudou a construir a Londrina que temos hoje.

Esquecer este passado, portanto, é esquecer quem somos. Por isso, este estudo tem um valor inestimável para que o londrinense conheça mais sobre a sua cidade - e sobre si mesmo.

Angelo Pamplona
Presidente da ACIL.

Os inúmeros atestados de seus possuidores, comprovam a sua perfeição no funcionamento, eficiência na produção, facilidade no seu manejo, beneficio incomparável, resistência e durabilidade



Máquina Tipo "C"

Vendedor autorizado: Francisco Veras Cabrerizo, - Rua Santos, Nº. 1014- Londrina

ser a mais moderna máquina existente no mercado e de incomparável construção e acabamento.

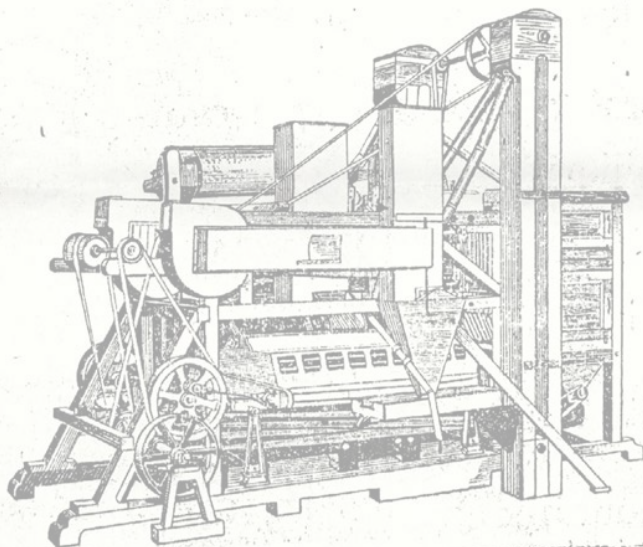
As MÁQUINAS "LUCATO" são fornecidas mediante absolutas garantias dos seus fabricantes,

MAQUINAS LUCATO

As mais Modernas Máquinas para Beneficiar Arroz a Esmeril

Máquina Tipo "C"

Esta é a afamada MÁQUINA "LUCATO" para beneficiar arroz, única que apresenta o famoso sistema de brunidores em diagonal.



Antes de V.S. instalar a sua máquina de beneficiar arroz, conheça os seus mínimos detalhes,

A MÁQUINA "LUCATO" satisfará ao seu possuidor, por ser a mais moderna máquina existente no mercado e de incomparável construção e acabamento.

As MÁQUINAS "LUCATO" são fornecidas mediante absolutas garantias dos seus fabricantes,

Os inúmeros atestados de seus possuidores, comprovam a sua perfeição no funcionamento, eficiência na produção, facilidade no seu manejo, beneficio incomparável, resistência e durabilidade

Máquina Tipo "C"

Vendedor autorizado: Francisco Veras Cabrerizo, - Rua Santos, Nº. 1014- Londrina

MAQUINAS LUCATO

As mais Modernas Máquinas para Beneficiar Arroz a Esmeril

Máquina Tipo "C"

Esta é a afamada MÁQUINA "LUCATO"



Antes de V.S. instalar a sua máquina de beneficiar arroz, conheça os seus mínimos detalhes,

1 INTRODUÇÃO

Este Boletim faz parte do trabalho realizado pelo projeto “Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural em Londrina: estudos de bens culturais”¹ que tem como objetivo o desenvolvimento de estudos técnicos de 10 bens de interesse cultural para a cidade de Londrina-PR. Esses estudos irão subsidiar a análise e o processo de Tombamento ou de Listagem de Bens de Interesse de Preservação em nível municipal. O projeto foi financiado pelo Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Artístico Histórico-Cultural de Londrina-PR e tem como proponente a ASAM — Associação dos Amigos do Museu Histórico de Londrina.

O instrumento de preservação do Tombamento está presente no Brasil desde 1937 com a criação do SPHAN (atualmente Instituto do Patrimônio Histórico-Artístico Nacional - Iphan), órgão responsável pela preservação dos bens de interesse patrimonial da nação brasileira. Desde a sua criação, os bens tombados a nível federal são inscritos em livros do tomo e podem estar em um ou mais livros, a depender de suas características e valores patrimoniais.

Existem quatro livros do tomo no Iphan: o primeiro — Livro do Tombo das Belas Artes — abrange obras que apresentam uma acentuada qualidade artística, muitas vezes reconhecidas como arte acadêmica; o segundo — Livro do Tombo Histórico — apresenta obras que estão vinculadas a momentos históricos importantes da nação; o terceiro — Livro do Tombo das Artes Aplicadas — tem um objetivo próximo ao livro das belas-artes, ligada ao interesse artístico, mas desta vez associada a função utilitária; por fim, o quarto — Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico — engloba obras referenciais em aspectos arqueológicos e paisagísticos, como praças e bosques, e etnográfico, como representação de etnias importantes, como um terreiro de Candomblé. Em 2011 a antiga Rodoviária de Londrina, hoje Museu de Arte, foi tombada a nível federal no livro de Belas Artes.

No Estado do Paraná, o órgão responsável pela salvaguarda dos bens de interesse patrimonial é a Coordenação do Patrimônio Cultural do Paraná, ligado à Secretaria da Comunicação Social e da Cultura e um dos principais instrumentos de preservação utilizados para a salvaguarda dos bens materiais é o Tombamento. Os bens tombados são agrupados similarmente em quatro livros do tomo, com os mesmos nomes e funções dos livros do IPHAN. Em Londrina há quatro bens tombados em nível estadual, a saber: o Teatro Ouro Verde, a Antiga Rodoviária, a Praça Rocha Pombo e a Mansão Garcia.

Posteriormente, em 2000, foi instituído federalmente o instrumento de preservação do Registro para bens imateriais, com a criação de quatro livros do

1 Os integrantes do projeto e autores do Estudo Técnico são: Coordenadora do Projeto: Arq. Ms. Carla de Barros Caires Greve; Pesquisadora na área de Arquitetura: Amábilie Lucio Campos; Pesquisadora na área de História: Ms. Pamela Wanessa Godoi; Auxiliares de Pesquisa: Douglas Keidy Marins Abe (Arq.), Ms. Gabriela Oliveira Wedekin (Arq.), Ingrid Batista Marques (Hist.), Wilson de Creddo Maestro (Hist.).

registro: Saberes, Formas de Expressão, Celebração e Lugares. O Livro do Registro dos Saberes busca a preservação de conhecimentos e modos de fazer presentes no cotidiano da população. O livro do Registro das Formas de Expressão busca preservar as diversas manifestações literárias, cênicas, musicais, lúdicas e plásticas. O livro do Registro da Celebração engloba uma união de manifestações presentes em rituais ou festas coletivas, muitas vezes religiosas. O livro do Registro dos Lugares engloba espaços como feiras e praças nos quais se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Em relação à esfera municipal, a Lei de Preservação foi criada no ano de 2011 e apresenta dois instrumentos principais de preservação: Tombamento e Listagem de Bens de Interesse de Preservação. Os bens materiais podem ser preservados nos dois instrumentos, enquanto os bens imateriais apenas na Listagem de Bens de Interesse de Preservação. A lei não estipula a criação de quatro livros do tomo, mas o julgamento dos valores das obras está muitas vezes presente na solicitação do tombamento do bem, encaminhado para a Secretaria de Cultura com o dossiê de estudos do bem e no parecer realizado pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Londrina (COMPAC), no caso de o processo ser deferido.

O primeiro tombamento em nível municipal foi do edifício conhecido como antiga Casa da Criança e atual Secretaria de Cultura, realizado em 2016. No mesmo ano, a expressão “pé-vermelho” se tornou o primeiro bem imaterial inserido na Listagem de Bens de Interesse de preservação. O segundo bem tombado foi o edifício do Antigo Fórum, atual Biblioteca Municipal, em 2020.

Esta série de estudos técnicos visa embasar os próximos pareceres de encaminhamento, seja para tombamento ou inserção na Listagem de Bens de Interesse de Preservação. O conjunto de bens analisados neste projeto envolve bens materiais imóveis, como edifícios e conjuntos urbanos, e móveis, como meios de transporte, além de bens imateriais, como uma forma de expressão e lugar.

Infelizmente, durante o processo de trabalho do Projeto houve a perda prematura da arquiteta e professora Elisa Zanon, que fará imensa falta, mas deixa um legado de inspiração e gentileza. A partir do segundo estudo, as publicações ganham seu nome, como homenagem pelo esforço e dedicação ao campo do Patrimônio de Londrina.

O oitavo estudo técnico realizado, o qual este boletim contempla, trata-se de um bem de interesse patrimonial material móvel: A “Máquina de Arroz” de Londrina, o qual buscou compreender seus valores para o município de Londrina-PR e suas características principais que identificam sua “essência” e “caráter”.

Os Estudos foram baseados nas informações contidas na solicitação de Tombamento, bibliografia disponível, levantamento iconográfico, audiovisual e documental, entrevistas e levantamentos de campo. As propostas de salvaguarda e diretrizes de preservação contidas nos estudos técnicos completos dos bens, são recomendações iniciais que podem sofrer alterações pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Londrina (COMPAC) no Parecer Oficial e Final do

Tombamento.

Para acessar o estudo técnico completo, clique [AQUI](#).

2 A MÁQUINA DE ARROZ

A máquina de arroz é um objeto industrial utilizado para descascar, limpar e polir os grãos de arroz. O exemplar pertencente ao acervo Tridimensional do Museu Histórico de Londrina é um modelo fabricado na década de 1930, utilizado na cidade de Londrina [Fig. 1].

Figura 1 – máquina de arroz.



Fonte: MHL. (2024).

A solicitação de tombamento foi feita pela atual diretora do Museu Histórico de Londrina (MHL), Edméia Aparecida Ribeiro, que ressalta que a máquina de arroz tem um valor histórico que está relacionado com o edifício que abrigou a máquina: “A peça pertencia ao armazém ‘Máquina de Arroz de Londrina’, construído em 1930 e demolido em 2022, serviu à cidade e foi referência popular por 92 anos. Após foi doada para compor o acervo do Museu Histórico” (Ribeiro, 2022).

O Armazém ao qual Ribeiro (2022) se refere foi uma construção de madeira, localizada na rua Uruguai, número 250. No local se fazia o beneficiamento e venda de grãos, como o arroz e feijão, sendo um importante marco urbano e um conhecido

comércio do centro de Londrina. Depois de sua demolição, a máquina de arroz foi doada ao MHL. Atualmente o objeto encontra-se desmontado, em um galpão anexo ao MHL [Fig. 2].

Figura 2 – Local de abrigo da máquina de arroz, 2024.



Fonte: Os autores (2024)

A máquina de arroz pode ser considerada como parte do Patrimônio Industrial, por ser um “testemunho histórico” das atividades humanas em um determinado período e representar diretamente em sua estrutura o valor tecnológico de uma época. Conforme Rosa (2011):

[...] o conceito de patrimônio industrial foi consolidado gradualmente a partir do reconhecimento dos seus múltiplos valores, entre os quais o valor histórico ou de “testemunho” histórico, representando um momento específico da evolução das atividades humanas; o valor social, documentando a experiência do trabalho industrial; o valor tecnológico, registrando as transformações técnicas e tecnológicas dos processos industriais; o valor científico [... e] o valor arquitetônico [...].

Assim, apesar de esse tipo de Patrimônio ser uma classificação ainda recente, algumas discussões já estão sendo consolidadas. Isso insere o objeto em um contexto muito importante de desenvolvimento tecnológico que evidencia as experiências humanas relacionadas ou uso de ferramenta, e, nesse caso, máquinas que auxiliam nas tarefas cotidianas e que, ao mesmo tempo, modificam as relações sociais.

Sobre as máquinas de arroz sabe-se que:

São diversos os modelos de máquinas de beneficiamento de arroz produzidos ao longo da história, mas o processo de beneficiamento segue as mesmas etapas desde que o primeiro equipamento foi inventado. Além disso, as máquinas de beneficiamento de arroz foram tecnologias rurais muito presentes no cotidiano das famílias, visto que o arroz era um produto de subsistência (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2024, p. 60).

Antes da invenção das máquinas de beneficiamento de arroz, instrumentos mais simples eram usados para descascar e limpar o grão. Segundo Judith Carney e Rosa Acevedo Marin (2013): “Até a segunda metade do século XVIII, este instrumento foi a argamassa e o pilão, instrumentos que demandam habilidade ao manipular o arroz para que não se quebrem os grãos.” (Carney e Marin, 2013, p. 122). Ainda, não é possível afirmar quem e quando exatamente as máquinas de beneficiamento foram inventadas, mas algumas pistas, como registros de patentes, e venda de direitos levam a creditar a invenção dessas máquinas por brasileiros, habitantes do interior de São Paulo, no final do século XIX.

Algumas dessas máquinas serviam apenas para descascar, outras apresentavam todo o processo de limpeza, separação e polimento dos grãos. Ainda, é relevante destacar, segundo dados apresentados por Marson (2012), um importante número de máquinas fabricadas em 1936: “Os conjuntos completos para benefício de arroz registrados em 1935 correspondem a 189 unidades; já em 1936, esse número salta para 13.357 unidades, e em 1937 tem-se 268 unidades.” (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2024, p.55).

Segundo consta em uma placa na parte posterior da máquina de arroz de Londrina, ela foi fabricada pela indústria “Irmãos Lucato”. Essa, por sua vez, trata-se de uma indústria, inaugurada em 1937, com sede na cidade de Limeira no estado de São Paulo, ainda hoje em funcionamento. A máquina de arroz, identificado como “TIPO 70 AC PATENTE 97043 N. 1938”, pode ter sido fabricada no ano de 1938 [Fig. 3].

Figura 3 - Placa Industria Irmãos Lucato.



Fonte: Os autores (2024).

Também é relevante citar que outras máquinas de arroz podem ainda ser encontradas em funcionamento. Como o caso de uma máquina localizada no interior de São Paulo, na cidade de Itaporanga [Fig. 4], e o caso da máquina de arroz fabricada em Limeira, mas hoje em funcionamento em Iporá-GO (Silveira, 2024a, 2024b) [Fig. 5].

Figura 4 - Máquina de arroz em funcionamento em Itaporanga–SP.



Fonte: Os autores (2024).

Figura 5 - A máquina de arroz da família Gonçalves.



Fonte: Silveira (2024a).

Nos dois casos é interessante notar que a salvaguarda das máquinas se dá pela manutenção do funcionamento familiar. Ainda, o valor desse maquinário é destacado por João Paulo Silveira:

Hoje, a máquina de arroz da família iporaense é apenas uma versão mais antiga de um tipo de maquinário que continua realizando o polimento do arroz, mas bem longe daqui. O que a separa das versões mais atuais não é apenas seu tamanho, sua sofisticação ou sua capacidade de processamento, mas também o fato de que novos arranjos produtivos e comerciais tornam a máquina local menos “útil”, razão pela qual ela nunca foi substituída por uma mais avançada. Em outras palavras, sua “desatualização” tecnológica é indissociável das mudanças na agricultura e da afirmação dos supermercados nas últimas décadas do século passado (Silveira, 2024b).

Outros exemplos podem ser encontrados a partir de vídeos publicados na internet. Na maioria deles é possível afirmar que as etapas de beneficiamento do arroz são muito próximas:

1. Descascamento: separação do grão e da casca, que é descartada;
2. Separação: o arroz inteiro é separado do arroz mal granado ou verde, da casca e de seus derivados;
3. Brunificação: o arroz integral é lixado e polido, separando o arroz branco;

4. Classificação: última etapa do beneficiamento, em que o arroz é classificado em três tipos: quirera, arroz quebrado, arroz integral e o arroz inteiro. (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2024, p. 59-60).

Foi identificado no estudo técnico que o funcionamento da máquina é próximo a outros modelos contemporâneos:

O arroz primeiro passava pelo processo de descascamento com a separação da casca e do grão, depois o arroz era separado das cascas e derivados já como arroz integral, após passava por brunização onde o arroz era polido e ficava branco e por fim a classificação que separava a quirera, arroz quebrado e inteiro. Como os grãos podiam sair quebrados, era normal separar os grãos e vender com valores diferenciados cada opção. No caso da máquina de arroz de Londrina é relatado a venda principalmente de grãos inteiros, e de uma mistura feita com grãos inteiros e quebrados chamado de “arroz bica corrida” (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2024, p. 68).

Assim, a máquina de arroz hoje pertencente ao MHL faz parte de um grupo de máquinas que preserva a maneira como a agricultura se desenvolveu no início do século XX. Como Patrimônio Industrial ela é evidência da industrialização ocorrida no país, e que chegou a Londrina.

Além disso, o maquinário é um testemunho histórico dos anos iniciais da cidade de Londrina e ressalta a importância de tais equipamentos, que eram na época poucos e fundamentais para a sobrevivência dos primeiros moradores. Como um objeto industrial, ele mantém também o seu valor próprio tecnológico em relação à época e como era realizado o beneficiamento de grãos de arroz. Hoje forma de se beneficiar grãos de arroz pela população em geral, embora existam ainda em alguns lugares máquinas similares a esta que continuam em uso (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2024, p. 12).

É evidente que o exemplar ainda preserva algumas partes dos componentes que permitiam seu funcionamento original, mas não foi possível identificar todas as partes que compõem o equipamento. Uma restauração poderia determinar se a máquina ainda é capaz de realizar o beneficiamento de arroz. No entanto, mesmo que não seja viável restaurar a máquina para funcionamento, seria importante considerar alterações na implantação da máquina, com maior espaço e cobertura adequada para a montagem do equipamento e para uma exposição mais eficaz do mesmo.

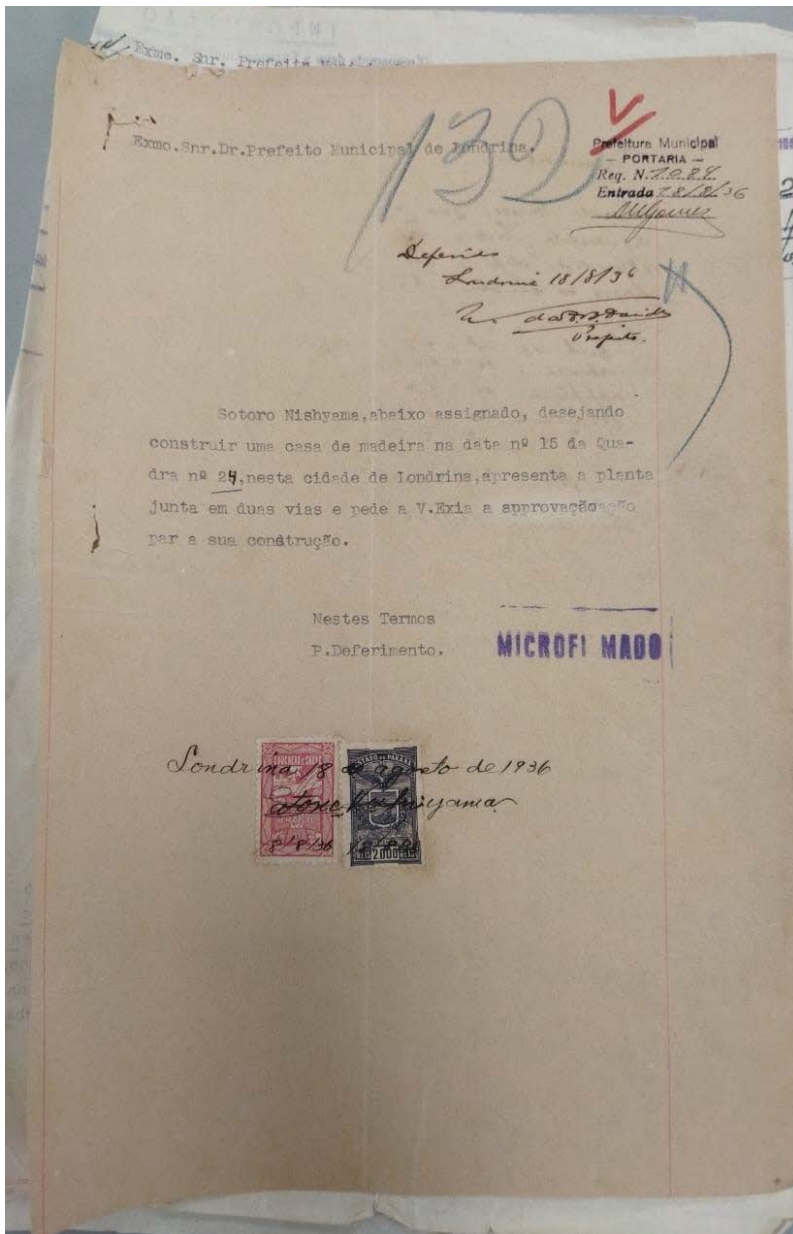
Além dos elementos próprios que compõem a tecnologia da máquina de arroz e seu valor em relação ao contexto geral de avanço industrial do período no Brasil, é vital a compreensão da relação da máquina com o contexto de Londrina não apenas no período inicial de funcionamento, mas nas transformações que a mesma sofreu juntamente com o espaço comercial que a comportava e principalmente a mudança de valor utilitário para o valor de memória como patrimônio cultural londrinense.

3 A MÁQUINA DE ARROZ E SUA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA DE LONDRINA

Pode-se dividir a relação da máquina de arroz com a história de Londrina em três momentos distintos: os anos iniciais, quando o objeto chegou a Londrina, servindo a uma utilidade cotidiana; um período em que a máquina de arroz passou a ser objeto de uma tradição, quando sua serventia deu lugar a um papel de evidenciar aquilo que era comum no passado; e um terceiro momento em que a máquina de arroz passou a ser um vestígio de uma memória coletiva. Assim, as muitas décadas em que esse objeto esteve em Londrina fez com que ele fosse adaptado às mudanças tecnológicas e sociais, ganhando novos valores e contribuindo para o desenvolvimento da identidade da cidade. Ainda, tudo isso se passou não com o objeto somente, mas, principalmente, com o local que o abrigava.

O espaço que recebeu a máquina de arroz também ficou conhecido como “Máquina de Arroz Londrina”. Um armazém construído em 1936 na rua Uruguai, número 250, esquina com a rua Santa Catarina, é o resultado de um pedido de aprovação de um projeto de construção de uma casa de madeira na data 15, da quadra 24, em 18 de agosto de 1936 [Fig. 6].

Figura 6 - Solicitação de aprovação de projeto de construção em 1936.



Fonte: Arquivo PML. (2024).

O local fez parte de um movimento de crescimento de venda de secos e molhados em Londrina. Com a chegada da ferrovia até Londrina, em 1935, os comércios foram impulsionados com a maior facilidade de receber os produtos essenciais. Armazéns de secos e molhados, como o que funcionava na máquina de arroz, cresceram e ganharam cada vez mais espaço na cidade, atendendo uma população que também crescia rapidamente.

O primeiro proprietário do armazém da máquina de arroz, assim como da própria máquina, foram os irmãos Satoru Nishiyama e Massami Nishiyama, junto de seu cunhado Takashi Kazahaya. Segundo o filho de Satoru Takeki Nishiyama:

[...] Sua família veio da província de Okayama, no Japão, no fim dos anos 1920 e foi parar em Cambará (Norte Pioneiro) naquela década, na Fazenda Água do Bugre. [...] Em meados da década de 1930 eles se mudaram para Londrina para construir o imóvel que abrigaria a Máquina de Arroz Londrina (Ogawa, 2022).

No estudo técnico não foi possível ter acesso a imagens do armazém ou da máquina de arroz em seus anos iniciais. A imagem mais antiga é da aerofoto tirada em 1949, em que se observa a construção nos limites do lote com três telhados de três águas [Fig. 7]. Da fachada, há uma foto de 1961 tirada para registrar obras na rua do Armazém em que é possível ver o comércio ao fundo [Fig. 8].

Figura 7 - Aerofoto de 1949.



Fonte: Siglon (2024).

Figura 8 - Armazém Máquina de Arroz Londrina, 1961.



Fonte: MHL. Coleção PML. Foto: Oswaldo Leite. (2024).

Nesse momento, a construção de madeira, em frente a rua de terra, lembra como a paisagem de Londrina começou a se modificar, na década de 1960. Ainda antes, a máquina de arroz era usada para o beneficiamento do arroz dos produtores da cidade. Os agricultores traziam até o armazém, e a máquina limpava os grãos para consumo próprio: “Naquela época os sítiantes traziam o arroz de carroça, de carrinho ou de bicicleta e deixavam o arroz na casca. A gente beneficiava o arroz e eles vinham buscar no outro dia, sempre para consumo próprio” (Ogawa, 2022).

Assim, esse tipo de comércio, representado pela Máquina de Arroz Londrina, tinha uma grande importância cotidiana para os moradores da cidade de Londrina. O armazém da rua Uruguai não era o único presente na cidade, e havia uma máquina de beneficiamento também na rua Quintino Bocaiúva e no Heimtal (colônia próxima de Londrina). Contudo, o objeto não era uma máquina corriqueira, ela fazia parte de um grupo de equipamentos modernos que transformaram a maneira de limpar o arroz. Mediante um avanço da tecnologia a vida dos agricultores era facilitada pelo uso da máquina.

Portanto, nesses anos iniciais, o valor da máquina de arroz era utilitário, mas o objeto também representava a chegada do que havia de mais novo para os moradores da cidade, demonstrando que Londrina se enquadrava em um contexto de modificações que ultrapassava os âmbitos municipais. A cidade crescia, com

potencial para estar inserida nas atualidades tecnológicas do contexto agrícola, e, a máquina de arroz foi uma prova dessa inserção da cidade, sendo ainda espaço de vivências dessas novas experiências.

Passados os primeiros anos, o comércio da máquina de arroz foi se modificando, acompanhando o cenário que se colocava também nas mudanças agrícolas. A máquina de beneficiamento de arroz perdeu sua função cotidiana, mas não deixou de funcionar, agregando novos valores.

Observa-se que ao valor utilitário da máquina de arroz se agregou um valor de testemunha de tradições. A máquina de arroz não se tratava mais de uma máquina extremamente útil, pois o arroz podia ser encontrado nos supermercados, já limpo. Contudo, a manutenção do comércio funcionando reflete uma mudança no valor tanto do espaço, como da própria máquina. Diferente daquele valor inicial, que marcava o crescimento da cidade, a máquina de arroz e o armazém Máquina de Arroz Londrina eram lugares de memória viva (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2024, p. 28).

A mudança dos valores da máquina e do armazém estão diretamente relacionadas com as modificações no cenário agrícola. O arroz é um dos grãos mais antigos cultivados no Brasil e junto ao feijão um símbolo da cultura alimentar no país. Entre 1940 e 1960 os dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social apontam um crescimento na produção do arroz, sobretudo para consumo doméstico. Na década de 1970, isso começou a se modificar, e a produção de arroz diminuiu no Paraná (Giles *et. al*). Contudo, em outras regiões do Brasil, a produção de arroz se modernizou e passou a funcionar a partir de uma lógica de produção extensiva, visando venda em larga escala.

Nesse momento, também houve o avanço do funcionamento de supermercados que incorporaram as demandas por alimentos industrializados, entre eles o arroz. Em Londrina, como no Paraná, passou-se a comprar arroz limpo nos supermercados. Conforme Giles *et. al*. (1986, p. 43), sobre as pequenas produções e oferta de alimento no Paraná, é apontado que:

A tendência dessa cultura [arroz], ao longo da década de 70, é decrescente, principalmente entre 1975-80, período em que a área plantada diminuiu, passando de 552 mil para 216 mil ha, abrangendo todos os estratos de área. Essa trajetória se baseia no fato de o arroz de sequeiro (espécie cultivada no Paraná) não dispor de tecnologia que lhe permitia se expandir em grandes escalas, comparativamente com o que se dá com o arroz irrigado, que demanda um alto investimento para o cultivo. [...] Seu desempenho no Paraná não tem sido suficiente para elevar a participação do Estado na produção brasileira, que no início da década estava em torno de 9%, reduzindo-se para cerca de 6% em 1980. Em contrapartida, outros estados, como Mato Grosso, Maranhão, Rio Grande do Sul mantêm e até elevam sua importância na produção nacional.

Assim, o beneficiamento de arroz perde espaço. Aquele arroz produzido pelas

famílias em Londrina torna-se exceção e não é mais necessário uma máquina para limpá-lo. A máquina de arroz já não tem a mesma serventia de antes. Contudo, o comércio que a abriga continua em funcionamento. Nesse momento, as alterações no comércio de arroz são evidências da resistência de uma memória, que se apegua a nostalgia e o diferencial da tradição.

Uma placa instalada em frente à fachada do armazém lembra bem que aquele lugar era um espaço de tradição [Fig. 9].

Figura 9 - Fachada do Estabelecimento da Máquina de Arroz Londrina.



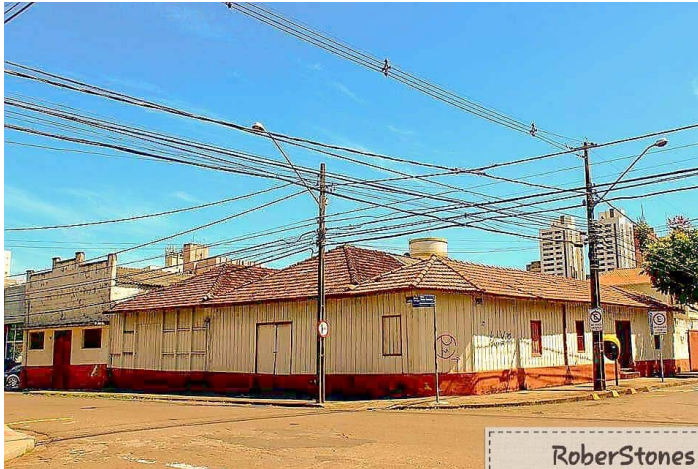
Fonte: MHL (2024).

Os dizerem “TRADIÇÃO A 60 ANOS” marca a significância desse espaço. Ainda, uma reportagem do jornal Meio Dia Paraná tem um relato que explica o porquê dessa sobrevivência: “o arroz de tipo velho tinha um gosto diferente, era mais gostoso” (Imóvel [...], 2022). O gosto diferente não é explicado apenas por se tratar de um produto diferente daquele industrializado, comprado no mercado. As técnicas aplicadas na plantação, e principalmente no beneficiamento tornavam o produto final algo diferente daquele produto industrializado, marcando assim a sobrevivência de uma tradição.

Nesse segundo momento, a máquina de arroz ganha um papel protagonista da memória de um tipo de agricultura superada, mas não esquecida. O armazém também é representante dessa memória. Como se observa em fotos da década de 2010 [Fig. 10 a 13], o espaço de madeira, ainda muito preservado, permanecia o mesmo. A construção foi feita com a técnica de mata-junta, muito comum no início de Londrina. O material de peroba rosa, hoje muito nobre, também evidencia um

importante valor econômico da construção.

Figura 10 - Armazém Máquina de Arroz Londrina ainda em funcionamento, 2011.



Fonte: Máquina. Facebook. Foto: RoberStones (2024).

Figura 11 - Armazém Máquina de Arroz Londrina ainda em funcionamento, 2011.



Fonte: Máquina. Facebook. Foto: RoberStones (2024).

Figura 12 - Armazém Máquina de Arroz Londrina ainda em funcionamento, 2019.



Fonte: Google Street View (2024).

Figura 13 - Armazém Máquina de Arroz Londrina ainda em funcionamento, 2019.



Google Street View (2024)

Ainda, um levantamento feito pela Diretoria de Patrimônio Histórico Artístico de Londrina para o inventário do edifício, feito em 2003, mostra que o edifício, de forma geral, apresentava um bom estado de conservação [Fig. 14].

Figura 14 - Máquina de Arroz Londrina, 2003.



Fonte: Siglon. E24. (2024).

Até 2019, as imagens do Google Street View confirmam o funcionamento do armazém. Com a chegada da pandemia da COVID-19 em 2020, sabe-se que foi necessário o fechamento de diversos comércios. É possível que A Máquina de Arroz Londrina também não tenha resistido às dificuldades financeiras e não houve mais interesse em reabrir o comércio. Na ocasião, o espaço foi alugado. Contudo, o novo inquilino também não teve interesse em manter o armazém. Em 10 de janeiro de 2022, o prédio foi demolido. Fotos postadas na internet demonstram que a demolição foi sendo feita aos poucos: primeiro o telhado, depois as paredes internas, e por fim as paredes externas, restando apenas escombros de madeira e a grande máquina de arroz [Fig. 15 a 21].

Figura 15 - Demolição do Armazém Máquina de Arroz Londrina, 2022.



Fonte: Máquina. Facebook. Foto: RoberStones (2024).

Figura 16 - Demolição do Armazém Máquina de Arroz Londrina, 2022.



Fonte: Máquina. Facebook. Foto: RoberStones (2024).

Figura 17 - Demolição do Armazém Máquina de Arroz Londrina, 2022.



Fonte: Máquina. Facebook. (2024).

Figura 18 - Demolição do Armazém Máquina de Arroz Londrina, 2022.



Fonte: Imóvel [...] (2022).

Figura 19 - Demolição do Armazém Máquina de Arroz Londrina, 2022.



Fonte: Imóvel [...] (2022).

Figura 20 - Demolição do Armazém Máquina de Arroz Londrina, 2022.



Fonte: Imóvel [...] (2022).

Figura 21 - Demolição do Armazém Máquina de Arroz Londrina, 2022.



Fonte: Máquina. Facebook. Foto: Paulo Pieretti (2024).

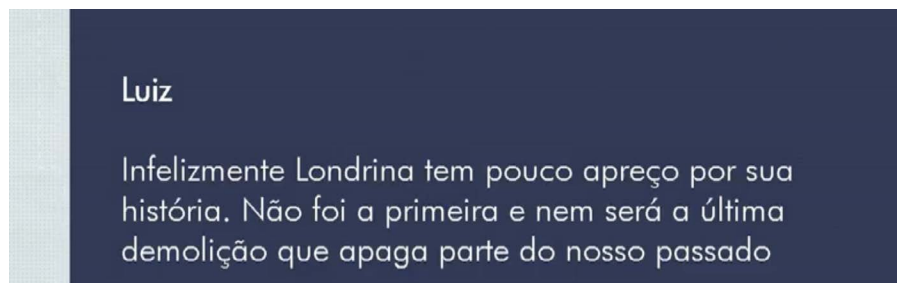
Segundo o senhor Décio, atual inquilino do imóvel, as madeiras da construção foram vendidas para uma madeireira em Sabáudia que as destinaria para a Europa. A máquina de arroz, por sua vez, foi doada ao Museu Histórico de Londrina.

A atitude do inquilino do imóvel marca um processo de monumentalização da máquina de arroz. Segundo o historiador Jacques Le Goff, os objetos passam de documentos a monumentos quando estes ganham valores de representação de experiências históricas (Le Goff, 2003). Como monumentos, eles objetificam a história, e se tornam capazes de simbolizar, rememorar e identificar as experiências nas quais fizeram parte (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2024, p. 38).

A demolição do prédio é uma grande perda para a cidade de Londrina, pois havia grande potencial patrimonial nele. O objeto doado ao museu passa assim a ter mais um valor patrimonial agregado, de representante do prédio que o abrigou por tantas décadas. É importante salientar ainda que a comoção com a demolição é evidência de que essa é uma memória importante para a identidade da cidade.

Um comentário enviado ao telejornal Meio Dia Paraná exemplifica isso [Fig. 22]:

Figura 22 - Comentário apresentado na Reportagem do telejornal Meio Dia Paraná, 10/jan./2022.



Fonte: Imóvel [...] (2022).

O que o senhor Luiz aponta faz parte de um processo intenso de perda de edifícios no centro de Londrina, marcando o fim das evidências materiais. Contudo, a doação da máquina de arroz ao MHL tem o potencial de manter viva a memória, pelo menos desse local.

Dias depois do final da demolição, o objeto foi levado ao MHL por um guincho da empresa Guinchos Londrina [Fig. 23 e 24], financiado pela Sicoob, como informa uma placa anexada a ela [Fig. 25].

Figura 23 - Chegada da máquina de arroz ao MHL 20/Jan/2022.



Fonte: MHL. (2024).

Figura 24 - Chegada da máquina de arroz ao MHL 20/Jan/2022.



Fonte: MHL. (2024).

Figura 25 - Placa instalada na máquina de arroz, 20/Jan/2022.



Fonte: MHL. (2024).

Nesse momento o espaço no MHL não comportava a máquina completamente montada, e, portanto, foi necessário desmontá-la [Fig. 26 a 28].

Figura 26 - Chegada da máquina de arroz ao MHL 20/Jan/2022.



Fonte: MHL. (2024).

Figura 27 - Chegada da máquina de arroz ao MHL 20/Jan/2022.



Fonte: MHL. (2024).

Figura 28 - Chegada da máquina de arroz ao MHL 20/Jan/2022.



Fonte: MHL. (2024).

Ainda que o objeto não esteja em situação adequada no momento, ele tem um importante potencial de valores patrimoniais agregados, como o seu valor histórico do desenvolvimento inicial de Londrina, o valor de memória do espaço comercial e valor simbólico, como símbolo remanescente do comércio tradicional de arroz na cidade:

Foi um objeto que fez parte do início da cidade e que evidencia seu crescimento. Em um primeiro momento, a relação entre a máquina de arroz, o comércio Máquina de Arroz Londrina e a cidade de Londrina marca a história com aquilo que melhor qualifica o desenvolvimento da cidade: a chegada de novos moradores, as demandas da população e o investimento em modernização.

A manutenção do edifício e do objeto, até próximo ao ano de 2022, acrescenta um valor à máquina e mesmo ao armazém, como um espaço de memória ainda em funcionamento, que perdurou aos anos de transformações econômicas, imobiliárias e comerciais da região e mudanças tecnológicas do ramo alimentício. Contudo, a demolição do prédio em 2022, torna o objeto máquina de arroz, o único vestígio de todo esse simbolismo. A relação com a história da cidade e com a história do espaço onde funcionou a máquina de arroz coloca sobre o bem aqui estudado um carácter simbólico acentuado, agregando valores históricos e patrimoniais fundamentais (Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro, 2024, p. 45).

Considerando o valor patrimonial da máquina de arroz que extrapola suas características físicas e que conecta a máquina à memória do comércio perdido. Se faz necessário, ampliar a divulgação do bem e o tratamento do espaço de exposição da máquina, a fim de que o seu valor seja reconhecido nessa união com o contexto da cidade, assim como a possibilidade da compreensão do funcionamento da máquina como um todo. Outras diretrizes que buscam a melhor salvaguarda do bem podem ser visualizadas no estudo completo.

REFERÊNCIAS

ARMAZÉM de madeira conhecido como 'Máquina de Arroz de Londrina' é demolido. **RPC Londrina**. 10/01/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/norteenoroeste/noticia/2022/01/10/armazem-de-madeira-conhecido-como-maquina-de-arroz-de-londrina-e-demolido.ghtml>. Acesso em mar. 2024

ARQUIVO PML. Prefeitura Municipal de Londrina. Consulta ao acervo em mar. 2024.

Caires; Campos; Godoi; Abe; Zanon; Wedekin; Marques e Maestro. **MÁQUINA DE ARROZ**. Estudos patrimoniais Elisa Zanon n.8, 2024.

CARNEY, Judith; MARIN, Rosa Acevedo. Aportes dos escravos na história do cultivo do arroz africano nas Américas. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 113-133, 02 dez. 2013. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/149/145>. Acesso em: 18 mar. 24.

IMÓVEL DE antiga máquina de arroz é demolido em Londrina. Reportagem Meio Dia Paraná. **GLOBOPLAY**. Janeiro, 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10197814/>. Acesso em: mar. 2024.

GILES, Antonio Hector; CHAVES, Elvina Maria Soares; INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL; Fundação Edison Vieira. **A sobrevivência da pequena produção e a oferta de alimentos no Paraná: uma análise integrada**. Curitiba: IPARDES, 1986.

GOOGLE Street View. **250 Rua Uruguai**. Londrina. set. 2019. Disponível em: <https://www.google.com/maps/@-23.3121662,-51.1526227,3a,75y,293.77h,90.72t=!3m7!1e1!3m5!1swBOfxPgGBPvkAJ930x1Nqw!2e0!5s20190901T000000!7i16384!8i8192?entry=ttu>. Acesso em: mar. 2024.

LE GOFF, Jaques. Documento/monumento. In: LE GOFF, Jaques. História e memória. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. 5. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2003.

LONDRINA. **Lei no 11.188, de 19 de abril de 2011**. Dispõe sobre a Preservação do Patrimônio Cultural do Município de Londrina. Londrina: Câmara Municipal. 2011. Disponível em: <https://www1.cml.pr.gov.br/leis/2011/web/LE111882011consol.html>. Acesso em: mar. 2023.

LUCATO.IND. **Empresa**. Disponível em <https://www.lucato.ind.br/siten/index.php/empresa>. Acesso em: mar. 2024.

MÁQUINA DE ARROZ. **Facebook**. Disponível em: https://web.facebook.com/pages/Maquina%20de%20Arroz%20Londrina/135217680500558?_rdc=1&_rdr. Acesso em: mar. 2024.

MARSON, Michel Deliberali. **Origens e evolução da indústria de máquinas e equipamentos em São Paulo 1870-1960**. 2012. Tese (Doutorado em Economia das Instituições e do Desenvolvimento) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.12.2012.tde-19062012-185159. Acesso em: mar. 2024.

MHL - Museu Histórico de Londrina. Coleção PML - Prefeitura Municipal de Londrina. Fotos. Consulta em mar. 2024.

OGAWA, Vitor. O fim da história de uma edificação de mais de oito décadas. **Folha de Londrina**. 15 de jan. de 2022. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/o-fim-da-historia-de-uma-edificacao-de-mais-de-oito-decadas-3160425e.html?d=1>. Acesso em: mar. 2024.

ROSA, Carolina Lucena. O patrimônio industrial: a construção de uma nova tipologia de patrimônio. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. **Anais [...]**, 2011. Disponível em: https://snh2013.anpuh.org/resources/anais/14/1308189074_ARQUIVO_artigoANPUHCarolinaRosa.pdf. Acesso em: mar. 2024.

RIBEIRO, Edméia Aparecida. **Solicitação de Tombamento**. Ofício 020/2022 Universidade Estadual de Londrina. 2022.

SILVEIRA, João Paulo. Iporalidades: a máquina de arroz da família Gonçalves (parte 1). **Oeste Goiano Notícias**. Iporá, 01 mar. 2024a. Cotidiano. Disponível em: <https://oestegoiano.com.br/cotidiano/iporalidades-a-maquina-de-arroz-da-familia-goncalves-parte-1/>. Acesso em: 18 mar. 2024.

SILVEIRA, João Paulo. Parte II de Iporalidades: a máquina de arroz da família Gonçalves. **Oeste Goiano Notícias**. Iporá, 10 mar. 2024b. Cotidiano. Disponível em: <https://oestegoiano.com.br/cotidiano/parte-ii-de-iporalidades-a-maquina-de-arroz-da-familia-goncalves/>. Acesso em: 18 mar. 2024.

Sistema de Informação Geográfica de Londrina (SIGLON). **Prefeitura Municipal de Londrina**. Disponível em: <https://geo.londrina.pr.gov.br/>. Acesso em: mar. 2024.

Sistema de Informação Geográfica de Londrina (SIGLON). E24 **Prefeitura Municipal de Londrina**. Disponível em: <https://geo.londrina.pr.gov.br/>. Acesso em: mar. 2024.

O Museu de Londrina, como tantos outros, conta com a atuação da Asam (Associação Amigos do Museu) para o cuidado deste espaço, desde a conservação predial até a expansão de acervos. A Asam é uma associação jurídica privada, sem qualquer finalidade lucrativa, que objetiva a promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico do Museu Padre Carlos Weiss. Com sede e foro na cidade de Londrina/Pr, tem Inscrição Estadual Isenta, CNPJ/MF 01.192.562/0001-47, Utilidade Pública Municipal Lei 10.882 de 24/03/2010 e Utilidade Pública Estadual Lei 12.198, de 15/07/1998. Foi fundada em 18 de maio de 1995. Uma vez que o Museu Histórico se caracteriza como instituição pública, vinculada à Universidade Estadual de Londrina, a Asam, pela sua constituição jurídica e independência é a responsável por captar recursos externos para a manutenção e conservação de acervos e preservação da estrutura predial.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

O artigo deverá apresentar as seguintes normas:

1. Inédito;

- Título
- Autor(es) com identificação da instituição a que pertence em nota de rodapé;
- Resumo - máximo 50 palavras;
- Palavras-chave até 6 palavras;
- Texto com no mínimo 5 e no máximo 10 páginas (Word for Windows e fonte Times New Roman, tamanho 12, entre-linhas 1,5 e margem 3,0 cm), ou
- Texto com tema único, no mínimo 30 e no máximo 40 páginas;
- Referências bibliográficas seguindo normas da ABNT (contendo somente obras citadas no texto);
- Os textos deverão ser enviados para o e-mail bibmuseu@uel.br, com carta de autorização de publicação anexa ao e-mail.

3. Caso o artigo seja resultado de pesquisa financiada, esta deverá ser mencionada em nota de rodapé.

4. Nome completo do(s) autor(es) e seus dados em nota de rodapé.

5. As fotografias, imagens (quando houver) deverão vir no formato digital JPEG, 300 dpi de resolução, com legendas e com indicação do local a ser inserido no texto. As fontes deverão ser devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.

Contato Museu Histórico de Londrina
Fone: (43) 3371-1975 | bibmuseu@uel.br

EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Diretoria Acadêmica

Profª Drª Edméia Ribeiro

Secretaria

Edeni Ramos Vilela

Expografia

Amauri Ramos da Silva

Residência

Carlos Eduardo da Silva Carvalho

Design

Marina dos Santos Galli

Equipe

Alex Pereira; Amauri Ramos da Silva; André Luís da Silva; Mariana Lopes dos Santos Borges; Neiva Lemes Albrecht Batista; Vanessa Andreia Borela Ferreira

Estagiários

Daniele Caroline Antunes; Gabriel Arantes Corrêa; Júlia Oliveira Cebulski; Julia Piovesan; Letícia Fernanda Moraes; Marina dos Santos Galli; Pedro Henrique Ferreira; Rafaela Menezes de Moura; Thiago Teixeira Carlos; Vitor Marroni Fortuna

MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Rua Benjamin Constant, nº 900 - Centro, Londrina - PR

CEP 86010-350 |

Tel (43) 3323-0082

museu@uel.br | <https://sites.uel.br/museu/>

REDES SOCIAIS DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA



[@museuhistoricodelondrina](https://www.instagram.com/museuhistoricodelondrina)



[Facebook Museu Histórico de Londrina](https://www.facebook.com/museuhistoricodelondrina)



[Canal do Youtube do Museu Histórico de Londrina](https://www.youtube.com/canaldomuseuhistoricodelondrina)



<https://www.tiktok.com/@museulondrinamhl>

